

PERSPECTIVAS TEOLÓGICAS PARA PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE EM JOHN STOTT

THEOLOGICAL PERSPECTIVES FOR ENVIRONMENTAL PRESERVATION IN JOHN STOTT

PERSPECTIVAS TEOLÓGICAS PARA LA PRESERVACIÓN DEL MEDIOAMBIENTE EN JOHN STOTT

Wellington Caetano de Oliveira¹
Cícero Manoel Bezerra²

Resumo

Neste artigo se analisam as contribuições da teologia protestante de John Stott para o desenvolvimento de práticas de preservação do meio ambiente, com intuito de fornecer à Igreja cristã meios para atuar diretamente sobre a causa ambiental em prol da humanidade, tornando-se ativa e relevante na questão. Visto que a maioria das nações acredita no esgotamento dos recursos naturais, a Igreja cristã precisa oferecer soluções para proporcionar às gerações futuras um mundo sadio. Por meio de revisão bibliográfica, verificou-se a necessidade de envolvimento da Igreja cristã nas causas ecológicas, bem como de discussão do assunto na academia e com a população, de modo que se identifiquem problemas e se proponham soluções práticas e contínuas que alcancem a todos os setores da sociedade, particularmente a Igreja, cuja missão é proteger a criação divina que lhe foi confiada.

Palavras-chave: teologia; John Stott; meio ambiente; preservação.

Abstract

This article analyzes the John Stott's Protestant theology contributions to environmental preservation practices development, in order to provide the Christian Church means to act directly on the environmental cause on humanity's behalf, becoming active and relevant on the issue. Since most nations believe in natural resources' depletion, the Christian Church needs to offer solutions to provide a healthy world for future generations. Through literature review, it was verified the need for the Christian Church's involvement in ecological causes, as well as discussion of the subject in academia and with the population, in order to identify problems and propose practical and continuous solutions that reach all sectors of society, particularly the Church, whose mission is to protect the divine creation entrusted to it.

Keywords: theology; John Stott; environment; preservation.

Resumen

En este artículo se analizan las contribuciones de la teología protestante de John Stott para el desarrollo de prácticas de preservación del medioambiente, con la intención de ofrecerle a la Iglesia cristiana medios para actuar directamente sobre la causa ambiental en favor de la humanidad, y volverse activa y relevante en esa cuestión. Visto que la mayor parte de las naciones cree en el agotamiento de los recursos naturales, la Iglesia cristiana necesita ofrecer soluciones para entregarles a las futuras generaciones un mundo sano. Por medio de revisión bibliográfica, se constató la necesidad de que la Iglesia cristiana se involucrara en causas ecológicas, así como en discusiones sobre el tema en la academia y con la población, de forma que se identifiquen problemas y se propongan soluciones prácticas y continuas, que lleguen a todos los sectores de la sociedad, particularmente a la Iglesia, cuya misión es proteger la creación divina que le fue confiada.

Palabras-clave: teología; John Stott; medioambiente; preservación.

¹ Bacharelado em Teologia Bíblica Interconfessional pelo Centro Universitário Internacional.

² Doutor em Teologia. Professor e Coordenador na área de Humanidades do Centro Universitário UNINTER. E-mail: cicero.b@uninter.com.

1 Introdução

O século 21 é marcado por intensas discussões em prol da preservação dos bens naturais diante do alto consumo de recursos extraídos do meio ambiente. Portanto, o objetivo deste estudo é contribuir para despertar a atenção sobre o cuidado com a natureza a partir da visão do teólogo protestante John Stott, buscando avaliar as principais consequências do consumismo desenfreado dos recursos naturais, bem como apresentar novos meios para instigar a consciência humana e propor novas posturas que contribuam com a preservação do meio ambiente a partir das contribuições de Stott.

Para tal, recorreu-se a metodologia de revisão bibliográfica a fim de reunir informações e dados que embasem solidamente a investigação do tema proposto a partir de livros, artigos e consulta em periódicos acadêmicos.

O pensamento moderno aponta para a ideia de que a natureza deve servir ao bem-estar do ser humano, não como meio para melhorar a qualidade de vida, mas como seu fim maior. Para sustentar o estilo de vida moderno, grandes empresas utilizam recursos naturais irrefletidamente, esgotando lagos, rios, solo, minério, combustível fóssil, etc. (STOTT, 2019).

Isto posto, indaga-se: qual o papel do cristão e da Igreja diante da crise ambiental? O que a liderança cristã pode fazer para conscientizar não apenas sua membresia, mas a sociedade de forma geral no que tange a preservação do meio ambiente? Como a Igreja protestante pode ser mais ativa e relevante na conscientização e na preservação do meio ambiente através dos recursos disponíveis e do trabalho da sua membresia?

Para responder a essas indagações, primeiramente, contextualiza-se o atual momento ambiental através da análise dos principais fatores que contribuem para a necessidade do diálogo sobre a preservação do meio ambiente. Além disso, discute-se a relação do cristão com o meio ambiente para definir seu papel em relação à preservação ambiental, assim como as contribuições que a Igreja Protestante pode oferecer à educação ambiental, a fim de proporcionar resultados práticos e eficientes aos problemas atuais. Por fim, apresentam-se as contribuições oferecidas pela teologia de John Stott sobre o tema, bem como seus apontamentos a respeito da necessidade de envolvimento da Igreja protestante na temática ambiental perante a sociedade hodierna. Para tanto, as críticas do teólogo se direcionam às comunidades locais, onde a Igreja protestante está inserida, para um maior envolvimento dos profissionais cristãos no debate público.

2 Metodologia

Este estudo é fruto de pesquisa bibliográfica e documental em livros, artigos científicos, documentos oficiais e periódicos acadêmicos, visando o aprofundamento e exploração do tema investigado.

3 A teologia de John Stott e suas contribuições para o meio ambiente

3.1 A humanidade e o meio ambiente

Segundo Almeida (2007), o egoísmo humano é o principal responsável pela exploração demasiada dos recursos naturais e pelos desastres ambientais que assolam a humanidade. Tais fatos apontam para uma atual crise ecológica sem precedentes, que revela profunda crise de valores e da relação humana.

O conceito de progresso iniciado na filosofia iluminista³ do século 18 foi o ponto de partida para a modernidade. Tal período promoveu três conceitos-chaves para a concepção de sociedade atual: o Estado-nação centralizado, o capitalismo industrial e a cidade como célula (MENDONÇA; DIAS, 2019).

A Revolução Industrial⁴ iniciada na Inglaterra em meados do século 18 culminou na transição da manufatura para a indústria mecânica, fato que promoveu o surgimento de novas tecnologias e permitiu o início de uma produção jamais vista até então. Com isto, o avanço da tecnologia fomentou a evolução da medicina, possibilitou o tratamento de doenças antes fatais e aumentou a expectativa de vida da população, além de oferecer novas oportunidades de emprego nas grandes cidades (POTT; ESTRELA, 2017).

O que começou como exploração da mão de obra humana resultou na época de maior prosperidade da humanidade. Doenças temidas pelo alto grau de letalidade hoje são tratadas nos estágios iniciais de seu desenvolvimento. Com isto, a expectativa e a qualidade de vida aumentam exponencialmente por todo o globo.

A racionalidade da ciência moderna fez da natureza um recurso para o benefício do homem. Esse posicionamento provoca uma crise ambiental que repercute negativamente sobre toda a humanidade (JUNGES, 2005).

Para Almeida (2007), tal mentalidade resultou na exploração demográfica, no desmatamento, na erosão do solo, na emissão de gases poluentes que atingem a camada de ozônio, no efeito estufa, no aquecimento atmosférico, na presença de elementos químicos em

³ Movimento cultural que se desenvolveu na Europa nos séculos 17 e 18, que defendia a liberdade individual e o uso da razão para validar o conhecimento (VASCONCELOS, 2017).

⁴ Processo que teve início na Inglaterra entre o século 18 e a segunda metade do século 19, marcado pela transição do trabalho artesanal (manufatura) para a produção industrial, especialmente através do maquinário de fiação e tecelagem (MARTINS CARA, 2019).

rios e mananciais, além da extinção de diversas espécies animais. Isto requer reflexão urgente sobre o papel do ser humano no cuidado com o meio ambiente, pois, é de suma importância que o homem renuncie a interesses pessoais e assuma postura comunitária.

Todo processo rumo ao desenvolvimento é acompanhado de efeitos colaterais positivos e negativos. Com relação a estes últimos, ainda que tardios, podem ser devastadores. Portanto, questiona-se o caminho trilhado pela humanidade em relação ao desenvolvimento econômico. Nas últimas décadas, a temática ambiental é amplamente discutida no âmbito político, econômico e religioso, aproximando e conectando os saberes da indústria, da educação, do direito e da moral.

Mendonça e Dias (2019, p. 43) destacam a importância da temática:

As aceleradas transformações na natureza, provocadas por grandes indústrias, bancos, incorporadoras, transacionais, etc., estão diretamente atreladas à degradação e à alteração da paisagem. A escassez de água limpa, a poluição dos rios e do ar e a generalizada exclusão social são motivos que fortalecem a discussão da temática ambiental, atitude essa de reconhecido mérito das ciências engajadas com questões sociais e políticas.

Essa concepção levou políticos antes indiferentes à causa ambiental a agregarem novas preocupações as suas agendas. Da mesma forma, empresas que desconsideravam as questões ambientais começaram a se preocupar em desenvolver departamentos especializados em aspectos ecológicos (STOTT, 2019).

Com essa nova forma de ver as questões ecológicas, a partir de 1972 a ONU organizou diversas conferências em várias cidades do mundo com a presença de políticos, cientistas, ambientalistas e líderes de Estado para discutirem alternativas para refrear o consumo demasiado e propor novas possibilidades de extração e de consumo dos recursos naturais.

Somado a isso, outra preocupação das nações do mundo é o ritmo do crescimento populacional. De acordo com o relatório *World Population Prospects*, publicado pela ONU em 2019, a estimativa do crescimento populacional global é de 8,5 bilhões de pessoas em 2030, 9,7 bilhões em 2050 e 11,9 bilhões em 2100. Tal crescimento gera preocupações quanto a sustentabilidade da humanidade. Stott discorre sobre esses dados da seguinte maneira:

Dos 4 bilhões de pessoas na década de 1980, um quinto (800 milhões) era pobre, e perguntamos angustiados, como mais de 7 bilhões de pessoas poderão ser alimentadas muitos anos mais tarde. Esse é um problema particular do mundo em desenvolvimento, onde 90% do crescimento populacional está ocorrendo. A terra não consegue sustentar uma população maior, a qual, em razão da pobreza e da fome, é obrigada a usar seus recursos tendo em mente apenas o ganho a curto prazo, muitas vezes causando destruição de longo prazo (STOTT, 2019, p. 157).

Tal crescimento acentuado e suas possíveis consequências foram previstos na Teoria Malthusiana⁵. Thomas Robert Malthus sugeriu, em 1798, ao considerar o crescimento populacional da época, que, se não houvesse guerras, mortes, epidemias e desastres naturais, a população mundial cresceria em proporção geométrica (2, 4, 8, 16, 32...), enquanto a produção de alimentos, em proporção aritmética (2, 4, 6, 8, 10...). Assim, concluiu que a velocidade do crescimento populacional seria maior que a produção de alimentos. Como resultado, a fome e a miséria assolariam à humanidade (FONTANA *et al.*, 2015).

Como um idealista de seu tempo, Malthus baseou seus ensaios na sociedade em que vivia. Percebendo o alto consumo das classes mais abastadas, somado à grande produção alimentícia e melhora das condições sanitárias resultantes da Revolução Industrial, visualizou que a alta demanda efetiva justificaria o esbanjamento de recursos por parte dos mais ricos. Dessa forma, não havia outra conclusão se não ausência de alimentos como resultado do grande crescimento populacional.

Segundo Fontana *et al.* (2015), Malthus errou em suas previsões, embora pareça acertar em relação ao crescimento populacional ser um dos principais causadores do problema da fome no planeta. De fato, ao perceber, entre os anos de 1785 e 1790, o crescimento populacional dobrado, Malthus projetou corretamente que esse seria um problema para as gerações futuras. A assertividade parcial de sua teoria se observa em estimativas sobre a possibilidade de superpopulação nas próximas décadas.

Em relação aos dias atuais, Fontana *et al.* (2015) comenta que houve redução nas taxas de natalidade em alguns países subdesenvolvidos. Contudo, em países africanos e asiáticos o crescimento populacional continua alto.

Nos países desenvolvidos, a taxa de natalidade começou a cair no final do século 19, em razão das melhores condições de saneamento básico, vacinas, métodos anticoncepcionais e antibióticos. Contudo, nos últimos anos o problema é outro: o aumento da expectativa de vida aumenta os encargos com a previdência social e pode leva-la ao colapso (FONTANA *et al.*, 2015).

O sonho almejado por gerações passadas pode se tornar um problema para a sociedade hodierna. Porquanto as pessoas vivem mais, proporcionalmente também consomem mais recursos naturais e governamentais. Portanto, nações do mundo inteiro repensam seu modelo previdenciário, resultando em reformas que visam a redução dos gastos governamentais, visto que o modelo atual não suportará por muito mais tempo essas despesas.

⁵ Teoria proposta em 1798 pelo pastor protestante Thomas Robert Malthus. Para ele, a população tinha potencial de crescimento ilimitado, enquanto a natureza forneceria suprimentos limitados a essas pessoas, o que resultaria na incapacidade de a natureza suprir a demanda humana no futuro (FONTANA *et al.*, 2015).

Para Stott (2019), embora todos esses fatores sejam dignos de atenção, a maior preocupação é com o desmatamento e a devastação do solo, atitudes que, no ritmo atual, farão as florestas tropicais do mundo desaparecerem em cem anos, afetando drasticamente o clima, as espécies de plantas, e os animais, com astronômica redução da biodiversidade.

A fome também é um fator crucial nessa discussão. Segundo relatório da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad) publicado em 2013, 1 bilhão de pessoas passam fome no mundo e mais de 1 bilhão estão em estágio de desnutrição, 70% deles pequenos agricultores ou profissionais da área. Também se constatou o uso oito vezes maior de fertilizantes nos últimos quarenta anos, enquanto a produtividade agrícola caiu de 2% para menos de 1%, o que resultou, em um período de dez anos, em aumento de 80% no preço dos alimentos. O relatório ainda revela o aumento nos índices de contaminação da água e do aquecimento global no Hemisfério Sul, consequência da emissão de gases do efeito estufa gerados pela produção agrícola.

Stott corrobora com esses dados ao citar que a poluição atmosférica causada por gases do efeito estufa — como dióxido de carbono (CO₂), metano (CH₄), óxido nitroso (NO₂), gás ozônio (O₃) e vapor d'água — contribuem para aumento da temperatura da superfície terrestre. Para a comunidade científica, é certo que até 2100 a temperatura global média subirá entre 2 e 6 graus Celsius. Os efeitos desse aquecimento serão desastrosos, resultando em mudanças climáticas substanciais, expansão térmica dos oceanos, inundação de ilhas e cidades portuárias, ressecamento de regiões um dia férteis, aumento nos índices de furacões, além da extinção de diversas plantas incapazes de se adaptar (STOTT, 2019).

Stott mostra que a preocupação com o meio ambiente não é sem sentido, mas necessário, caso se queira preservar a qualidade de vida conquistada pelo ser humano e a sua própria existência. O alto consumo mundial impede a natureza de renovar seus recursos em tempo hábil para manter a eficiência dos ecossistemas, razão pela qual a tendência é a redução drástica desses recursos nos próximos anos. É preciso repensar se a humanidade utiliza os recursos naturais de modo adequado e sustentável, além de procurar alternativas para desenvolver novos meios, novas tecnologias, novos projetos e métodos de renovação do meio ambiente.

3.2 Relação do cristão com a natureza

Por habitar este planeta, a comunidade cristã é igualmente responsável por sua preservação, pois, também usufrui do avanço tecnológico, dos novos recursos medicinais e do

desenvolvimento das técnicas modernas de produção. Ademais, o cristão está ciente de seus deveres perante o Criador.

Stott (2019, p. 168) afirma que a abordagem bíblica sobre a questão ambiental consiste na pergunta: “A quem pertence a terra?” A resposta se encontra em dois textos bíblicos. O primeiro está em Salmos 24:1, que diz: “Ao Senhor pertence a terra e a sua plenitude, o mundo e os que nele habitam”. O segundo está em Salmos 115:16, que diz: “Os céus são os céus do Senhor, mas a terra ele deu aos filhos dos homens”.

Isto posto, segundo o texto bíblico, a Terra pertence a Deus, que criou a todo o Universo, e tudo o que existe é sua propriedade. Porém, Deus concedeu ao homem o privilégio e a responsabilidade de governar à Terra. Isto não implica abandono da criação, mas concessão de autoridade ao homem para zelar pelo planeta, do qual é inquilino e deve prestar contas ao senhorio acerca de sua postura.

Em primeiro lugar, Stott (2019) enfatiza o domínio humano sobre a terra apoiando sua afirmação no texto de Gênesis 1:26, que diz: “Façamos o ser humano à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os animais que rastejam sobre a terra”. Desde o princípio, o ser humano é portador da imagem divina, dotado de capacidade racional, emocional, moral e espiritual. Tais atributos permitem conhecer a Deus e governar à Terra e todas as criaturas sobre ela, domínio devido à relação singular do homem com o Criador, como ser intermediário entre Deus e sua criação⁴.

Em segundo lugar, Stott (2019) afirma que, porquanto o homem não cria os processos da natureza, seu domínio é cooperativo. Antes da criação do homem a terra já era fértil. Porém, o ser humano pode torná-la mais fértil através da ciência e da tecnologia:

Podemos limpar, arar, irrigar e enriquecer o solo. Podemos colocar plantas sob vidro para captar mais luz do sol. Podemos administrar o solo, fazendo rodízio de plantio. Podemos melhorar o gado por meio de criação seletiva. Podemos produzir grãos híbridos com colheitas fantásticas. Podemos mecanizar a colheita usando máquinas enormes. Mas, em todas essas atividades, estamos apenas cooperando com as leis de fertilidade que Deus já estabeleceu (STOTT, 2019, p. 171).

Gênesis 1 deixa claro que o ser humano é incapaz de criar natureza, mas pode usá-la para gerar mais riqueza, melhorar sua qualidade de vida e otimizar recursos em favor da humanidade. Entretanto, nada disso deve ser feito de modo indiscriminado e excessivo, sem consideração com as gerações futuras.

É verdade que o cristão é responsável por um grau significativo da atual crise ambiental, pois, habita um planeta com pessoas de outras crenças, o que o coloca no mesmo

quadro de atuação. Infelizmente, nem sempre os cristãos vivem pelos princípios ensinados na Palavra de Deus. Assim como as demais pessoas de sua época, os cristãos também estão vulneráveis às influências do espírito de seus dias, como do materialismo⁶, a ponto de negligenciarem a ordem divina para governar a Terra com responsabilidade (GEISLER, 2010).

A boa administração dos recursos naturais e do meio ambiente é responsabilidade do ser humano em geral, especialmente do cristão. Visto que entende quem é, de onde veio e sua missão nesta terra, sua irresponsabilidade se torna indesculpável diante dos homens e de Deus. Desperdiçar recursos valiosos, poluir mares e transformar o jardim de Deus em lixo não faz parte da vida de um bom despenseiro. Deve-se seguir a direção do Apóstolo Paulo, assumir o dever dos ministros de Cristo sobre o ministério que lhes foi confiado também em relação ao cuidado com a natureza: “o que se requer desses encarregados é que sejam encontrados fiéis” (1Co 4:2) (GEISLER, 2010).

Salmos 19:1 diz: “Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos.”. A natureza não apenas supre a necessidade humana, mas principalmente revela a glória de seu Criador. Os atributos invisíveis de Deus, como seu poder e sua divindade, podem ser reconhecidos claramente através da criação (Rm 1:20). Deus não apenas trouxe à existência todo o universo, mas também sua permanência e funcionamento (Cl 1:17). Destruir a natureza desenfreadamente é o mesmo que rejeitar diretamente a responsabilidade delegada por Deus.

Primeiramente, John Stott busca convocar o ser humano de volta para o relacionamento com Deus. O homem não está aqui por acaso, portanto, não deve viver apenas em função de seus prazeres. Criados à imagem e semelhança de Deus, os seres humanos receberam o chamado para povoar, cultivar, proteger e guardar à Terra; em um segundo momento, Stott afirma que todo cristão deve contestar qualquer crueldade contra animais e o meio ambiente, criações divinas que devem ser defendidas através da autoridade concedida sobre eles pelo Criador.

3.3 Contribuições da teologia de John Stott

Como pensador de seu tempo, Stott faz apontamentos que podem ser muito úteis à geração atual para preservação ambiental, de modo que proporcionem um mundo melhor às gerações seguintes. Segundo a perspectiva de Stott, o ser humano faz parte de uma criação

⁶ Geisler (2010) menciona o materialismo no sentido econômico, de um capitalismo “selvagem”, que leva o ser humano ao consumismo extremo.

maior do que a si; criado à imagem e semelhança de Deus, tem o dever e a responsabilidade de governar e administrar bem a fauna e a flora deste planeta⁴, porquanto não cria os processos naturais, mas com eles coopera para se tornar próspero.

Para Stott (2019), os cristãos devem contestar crueldade contra os animais, bem como o consumo desenfreado de recursos naturais, além de incentivar o consumo consciente de matérias-primas, agindo como bons despenseiros de Deus, pois, poder de domínio não concede direito de aniquilação; ao contrário, deve encorajar responsabilidade ambiental diante de Deus. Isto significa apreciar as dádivas recebidas de Deus sem desperdiçá-las ou abusar delas, porque desonrar aquilo que Deus criou é o mesmo que desonrá-lo⁷.

Em Gênesis 9:16, Deus fez uma aliança perpétua com “todo ser vivo”, isto é, o ser humanos e todos os seres vivos. Visto que toda a criação está debaixo de aliança com Deus, deve-se tratar à natureza com respeito, entendendo que tudo o que existe é uma criação especial e tem seu lugar no plano geral de Deus à humanidade (GEISLER, 2010).

Além disso, partindo de uma perspectiva material e espiritual, compreendendo seus direitos e deveres, o ser humano deve conscientizar a atual e as futuras gerações sobre a responsabilidade humana relativa ao meio ambiente.

Stott vê a Igreja como implantadora do Reino de Deus na Terra, o que intensifica seu papel fundamental para ensinar e conscientizar seus membros sobre tal necessidade, tanto em sua comunidade local quanto em união com as demais Igrejas em todo o globo.

Entre os membros da Igreja há pessoas das mais diversas áreas de atuação, certamente muitos excelentes profissionais das ciências exatas, humanidades, ciências biológicas, etc. A criatividade desse corpo tão diversificado pode ser usada para desenvolver estratégias e atividades que visem despertar a consciência ambiental, assim como programas para a restauração do meio ambiente, multiplicando ideias sustentáveis a curto, médio e longo prazos.

Para ser eficiente nessa missão os cristãos não podem ser apenas ouvintes, mas praticantes das direções de Deus para o homem, exemplo e referência em suas atitudes e condutas.

Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada no alto de um monte. Nem se acende uma lamparina para colocá-la debaixo de um cesto, mas num

⁷ Geisler (2010) afirma que ao homem facultou-se domínio sobre toda a criação. Segundo ele, as palavras “sujeitar” e “dominar” significam, respectivamente, “conquistar” e “prevalecer contra”, o que apresenta a imagem de uma pessoa dominante ou vitoriosa. Tal figura revela que o ser humano não é apenas mero participante do conjunto da natureza, mas, de certa forma, encontra-se à parte dela. A humanidade não é somente uma peça da criação, mas “reina” sobre esta. Porém, a palavra “guardar” significa “manter, cuidar ou preservar”, o que descreve uma ação a favor da criação e não do homem. Portanto, a ordem divina para a humanidade é dupla, de modo que dominar e guardar são inseparáveis.

lugar adequado onde ilumina bem todos os que estão na casa. Assim brilhe também a luz de vocês diante dos outros, para que vejam as boas obras que vocês fazem e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus. (Mt 5:14-16).

Conforme as palavras de Jesus Cristo na Bíblia Sagrada, os cristãos devem brilhar em qualquer lugar como referências para todos que os veem. Contudo, precisam promover benefícios plausíveis, práticos e eficientes. O exemplo de Jesus Cristo é fundamental para uma relação harmônica entre o ser humano e o meio ambiente. Ao abandonar a ganância, o orgulho e a ambição egoísta, o homem pode agir com bom senso e desenvolver uma cultura sustentável⁸.

A partir do modelo de Jesus Cristo, a Igreja pode usar sua criatividade e desenvolver ações que promovam a sustentabilidade do meio ambiente sem abdicar do progresso científico. Tal atitude, além de glorificar a Deus, revela novas políticas com base em justiça social e qualidade ambiental. Neste ponto, a ética cristã é imprescindível, por possibilitar a relação entre natureza, ser humano e Deus (FERREIRA; BATISTA, 2018).

Dessa forma, Stott deixa claro que toda a Igreja, da liderança à membresia, deve ver a real situação da humanidade, identificando o desequilíbrio existente entre o discurso racional e a prática efetiva de medidas para preservação do meio ambiente. Ao perceber a responsabilidade individual e coletiva diante dos homens e de Deus, a Igreja poderá se mover em direção a seu chamado. Para tanto, precisa se importar com os problemas ao seu redor, em sua cidade, em seu ciclo de amizades, e tentar solucioná-los.

4 Considerações finais

Os últimos dois séculos foram de inegável, exagerada e indiscriminada exploração do meio ambiente. Soma-se a isto o crescimento populacional desenfreado, o esgotamento de recursos, a redução da biodiversidade, o descarte de lixo e as alterações climáticas que despertam preocupação nas maiores nações do mundo. Nesse contexto, John Stott faz apontamentos práticos e relevantes para apresentar soluções aos problemas ambientais enfrentados pela sociedade nas últimas décadas, especialmente considerando a manutenção do meio ambiente para as gerações futuras.

Em primeiro lugar, como criatura e despenseiro de Deus, o ser humano tem a obrigação de zelar pela preservação do meio ambiente. Suas posturas, ideias e decisões conseguem impactar às gerações seguintes. A sociedade e a igreja tem a responsabilidade de

⁸ Para Stott (2019), a raiz da crise ecológica é a ganância humana, que leva grandes nações a adotarem políticas duvidosas, focadas apenas no resultado, atualmente chamado “ganho econômico por perda ambiental”.

pensar em um mundo sustentável para proporcionar à sua descendência um planeta com recursos necessários à manutenção da vida.

Em segundo lugar, por entender sua responsabilidade diante de Deus, o cristão deve ser aquele que toma a frente das pautas ambientais, utiliza seu conhecimento, sua criatividade e produtividade para propor e realizar ações de conscientização ambiental. Visto que a Igreja dispõe de profissionais de excelência em diversas áreas, deve permitir e incentivar o compartilhamento desse conhecimento com a sociedade para incentivar projetos e soluções aos problemas ambientais. A influência do cristão deve transcender as quatro paredes da Igreja local e atingir a totalidade da sociedade.

Por fim, Stott convoca a humanidade para reatar seu relacionamento com Deus, visto que o avanço da ciência gerou afastamento de seu Criador. Stott aponta a necessidade da restauração do relacionamento entre ser humano e Deus. Desta forma, ao entender de onde veio e seu papel neste mundo, o ser humano terá base sólida para conduzir ações relativas ao cuidado ambiental.

Referências

ALMEIDA, M. **A crise ecológica e a teologia de Leonardo Boff**: uma resposta na perspectiva da teologia evangélica. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) — Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Nova Almeida Atualizada**. Trad. João Ferreira de Almeida. 3. ed. rev. atual. Barueri: Sociedade Bíblia do Brasil, 2017.

FERREIRA, E.; BATISTA, D. M. As contribuições da teologia da educação cristã para a conservação do meio ambiente. **Caderno Intersaberes**, Curitiba, v. 7, n. 11, p. 7-21, 2018. Disponível em: <https://repositorio.uninter.com/bitstream/handle/1/337/TCC-EDICARLO%20FERREIRA%20RU%201510485.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29 out. 2021.

FONTANA, R. L. *et al.* Teorias demográficas e o crescimento populacional no mundo. **Ciências Humanas e Sociais**, Aracaju, v. 2, n. 3, p. 113-124, mar. 2015. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/1951>. Acesso em: 29 out. 2021.

GEISLER, N. L. **Ética cristã**: opções e questões contemporâneas. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2010.

JUNGES, J. R. As interfaces da teologia com a bioética. **Perspectiva Teológica**, [s.l.], v. 37, n. 101, p. 105-122, 2005. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/416>. Acesso em: 29 out. 2021.

JÚNIOR, Edgard. Unctad quer ações de países para enfrentar crises econômica e ambiental. **Radio ONU**. Nova York, 18 set. 2013. Disponível em: <https://news.un.org/pt/audio/2013/09/1076391>. Acesso em: 29 out. 2021.

MARTINS CARA, M. H. **Quarta revolução industrial**: um estudo bibliográfico da indústria 4.0 e suas principais tecnologias inseridas. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Engenharia), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

MENDONÇA, F.; DIAS, M. A. **Meio ambiente e sustentabilidade**. Curitiba: InterSaberes, 2019.

POTT, C. M.; ESTRELA, C. C. Histórico ambiental: desastres ambientais e o despertar de um novo pensamento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 31, n. 89, p. 271-283, 2017. DOI <https://doi.org/10.1590/s0103-40142017.31890021>

STOTT, J. **O cristão em uma sociedade não cristã**. 1. ed. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2019.

UNITED NATIONS. **World Population Prospects 2019**: Highlights. New York: United Nations, 2019. Disponível em: https://population.un.org/wpp/Publications/Files/WPP2019_Highlights.pdf. Acesso em: 29 out. 2021.

VASCONCELOS, J. A. **Fundamentos filosóficos da educação**. 2. ed. Curitiba: InterSaberes, 2017.